

Minas e o Modernismo: a origem de uma poética moderna

Minas Gerais and Modernism: the origin of modern poética

Aline Maria JERONYMO¹

Resumo: A consolidação do movimento modernista em Minas Gerais fez-se por meio de grupos que procuraram afirmar a natureza do homem brasileiro-mineiro. Mais do que uma preocupação estética, o poeta mineiro do século XX buscava a conciliação com suas origens e com sua terra. Desse modo, neste artigo, apontaremos questões históricas e literárias fundamentais para o nascimento do Modernismo mineiro, a partir das principais publicações da década de 1920, tais como *A Revista*, *Verde e leite crioulo* para, em seguida, resgatar a peculiaridade da “mineiridade” em alguns poemas desses periódicos.

Palavras-chave: Poesia brasileira; Modernismo; “Mineiridade”.

Abstract: The consolidation of the modernist movement in Minas Gerais was made by groups that sought to affirm the nature of the Brazilian man from Minas Gerais. More than an aesthetic concern, the poet of the twentieth century, in Minas Gerais, sought to reconcile with their origins and their land. Thus, this article will point out fundamental historical and literary issues for the birth of Modernism in Minas Gerais, from the leading publications from the 1920's such as *A Revista*, *Verde* and *leite crioulo* to then redeem the peculiarity of "mineiridade" in some poems these periodicals.

Key-words: Brazilian poetry; Modernism; “Mineiridade”.

Introdução

Pela necessidade de estabelecer uma relação artística mais fiel com uma nova era, intelectuais do século XX clamaram por renovações ideológicas e artísticas que proporcionaram liberdade formal e linguística às artes brasileiras. As principais ideias libertárias do movimento surgido em São Paulo foram difundidas, como bem sabemos, por meio da Semana de Arte Moderna, em 1922. Evento este caracterizado, segundo Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, como o divisor de águas que possibilitou o encontro de diversas tendências recorrentes desde a Primeira Grande

¹ Mestranda no Programa de Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – FCLAr/UNESP, Araraquara/SP. CEP: 14800-901. Bolsista CNPQ. Email: aline_jeronymo@hotmail.com

Guerra, levando a São Paulo um novo estilo que, a partir de ideias cosmopolitas e vanguardistas, foram chamadas de Modernismo. Após a Semana houve forte efervescência cultural e artística com a “consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos” (BOSI, 2006, p.340); nomes *arquicitados* como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira foram os maiores poetas desse momento heroico.

A necessidade de renovação e de formação de um grupo literário-artístico-cultural não era, evidentemente, uma característica exclusiva dos intelectuais de São Paulo. Em Belo Horizonte, muitos jovens do interior, vindos de famílias de classe média, realizavam os cursos superiores na capital em crescimento. Foi, desse modo, por meio de estudantes de direito, medicina ou farmácia, que uma agitação intelectual surgiu em meados da década de 1920, em Belo Horizonte, dando início ao grupo modernista mineiro. Nesse primeiro momento, destacavam-se, entre outros, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Pedro Nava, Martins de Almeida, Abgar Renault, Milton Campos, Gustavo Capanema e João Alphonsus.

O que motivou o “espírito moderno” dos literatos mineiros, além do descontentamento com o academicismo opressor da cidade oligárquica, foi: a leitura dos livros franceses que chegavam à Livraria Alves (liam, principalmente, Anatole France) e, posteriormente, o contato com os modernistas de São Paulo, em 1924, com a famosa viagem dos paulistas a Minas, a partir da qual começam as correspondências frutíferas entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Mesmo antes desse contato, em 1921, já surgiriam, no entanto, os primeiros poemas de Drummond, os quais foram publicados no *Diário de Minas*, primeiro veículo de divulgação dos modernistas de Minas, poemas ainda de cunho simbolista, mas que já apontavam algumas ideias modernistas. O poeta de Itabira revela ainda que é em 1923 – ano em que os jovens passaram a reunir-se em prol do novo ideário (antes do contato com os paulistas, portanto) – que surgiria um movimento modernista mineiro, confirmado posteriormente pelas revistas: *A Revista* (1925), *Verde* (1927) e *leite crioulo* (1929).

Dessa forma, buscamos focalizar, neste artigo, o período histórico de agitação literária da década de 1920, em Minas Gerais, por meio da exposição de dados históricos e literários referentes, principalmente, aos primeiros grupos que se formaram em Minas em prol de publicações periódicas de cunho modernista. A principal base de nossas considerações gira em torno dos textos “Gênese e expressão grupal do

Modernismo em Minas”, de Fernando Correa Dias, “A poesia modernista de Minas”, de Laís Corrêa de Araújo e *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*, de Maria Zilda Ferreira Cury. Objetivamos, além de expor como ocorreu o nascimento do Modernismo mineiro, analisar o ideário da poesia realizada nesse período, por meio da exposição de poemas pertencentes a essas primeiras publicações, com a intenção de apontar as peculiaridades da “mineiridade” que surgiu com o nacionalismo moderno.

Propostas do Modernismo mineiro

Em 1924, como mencionado, ocorre o estabelecimento de uma relação entre os escritores de São Paulo e os de Belo Horizonte na chamada “caravana paulista”: viagem empreendida, entre outros, por Mário, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral com o propósito de mostrar a cultura brasileira ao poeta franco-suíço Blaise Cendrars que visitava o país. Maria Zilda Cury, em *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*, expressa que os modernistas paulistas “mostravam o Brasil menos para o visitante estrangeiro e mais para si mesmos, motivados pelo desejo de apreensão do brasileiro, do popular, o que dá cunho específico à influência exercida nos escritores paulistas pelo contexto da arte barroca de Minas” (1998, p. 79). Além disso, segundo Cury, a “vinda da caravana paulista a Minas Gerais” foi considerada a “Semana dos mineiros de Belo Horizonte” (1998, p. 79). Antes dessa viagem, os mineiros não tinham o conhecimento da Semana de Arte Moderna (paulista), posto que nenhum jornal mineiro da época divulgara o fato.

Após o contato entre os grupos, houve um duplo intercâmbio cultural: os paulistas viram na arte colonial-barroca e nas cores vivas das cidades históricas a peculiaridade nacional daquele Estado e, conseqüentemente, o reconhecimento de uma tradição que não pôde ser deixada de lado; já os mineiros tomaram conhecimento das ideias poéticas propagadas na Semana de 22: o verso livre, o poema-piada, a ironia, o coloquialismo e o prosaísmo. Além disso, essa viagem impulsionou a valorização, por parte dos paulistas, do cenário colonial brasileiro, principalmente das estruturas arquitetônicas barrocas. Essa valorização intensifica a poesia *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade, a qual propunha deglutir e preservar não a cultura do europeu, mas a história

nacional que era perfeitamente vista nas cidades de Ouro Preto, Tiradentes, São João del Rei e Sabará.

Esse movimento de preservação e valorização, por sua vez, sempre fez parte dos discursos dos poetas mineiros, que enalteceram, principalmente, o barroco de Aleijadinho e o simbolismo de Alphonsus de Guimaraens. Por esse motivo, um dos traços fundamentais do ideário mineiro, apontado por Fernando Correa Dias, foi a tradição repensada. O grande reconhecimento da tradição foi somado, no entanto, à criticidade e ao apelo à razão, no qual houve a sobreposição de situações imediatistas, conscientes e racionais a situações místicas. Além da valorização da tradição e do apelo à razão, é de fundamental importância a “conciliação de lealdades” (DIAS, 2002, p.171), que envolvia a identificação emocional entre poeta e Minas.

Esse último traço é ocasionado pela influência da terra, de Minas Gerais, na formação do autor e pode ser resumido pelos termos “mineiridade” (termo empregado por Laís Corrêa de Araújo) ou “Mineirismo” (termo usado por Waltensir Dutra, em *Bibliografia crítica das letras mineiras*, para determinar uma corrente do Modernismo). O bloco temático da poesia *mineirista* engloba, dessa forma, não apenas a poesia que apresenta Minas como motivo ou acontecimento, mas, principalmente, aquela que representa o “espírito mineiro” ao se referir à cidade natal, à família e à infância.

Periódicos Modernistas

A “valorização da tradição”, o “apelo à razão” e a “conciliação de lealdades” (DIAS, 2002, p.171) são as principais características do grupo que tinha à frente Carlos Drummond de Andrade. Traços que foram consolidados em 1925 no primeiro periódico modernista mineiro, *A Revista*, idealizada por Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Martins de Almeida, Pedro Nava e João Alphonsus. O teor nacionalista foi a marca dos dois primeiros números (de três) da revista que, segundo Laís Corrêa de Araújo, possuía um “espírito de brasilidade que se definirá mais tarde numa mineiridade” (2002, p. 182). *A Revista* não propiciou manifestos, ao contrário, os textos eram tímidos, mesmo porque a destruição não era uma característica do grupo que buscou valorizar a tradição mineira. Segundo Pedro Nava, em “Apresentação a *A Revista*”, “Éramos profundamente brasileiros, nacionalistas e tradicionalistas – apesar de nossa posição esteticamente avançada” (NAVA, 1978, p. 12). Foi apenas no segundo

número da publicação que se viu a “posição esteticamente avançada” liderada por Drummond e expressada pelo poema “Coração numeroso” que se segue:

Foi no Rio.
Eu passava na Avenida quase meia-noite.
Bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas
[inumeráveis.
Havia a promessa do mar
e bondes tilintavam,
abafando o calor
que soprava no vento
e o vento vinha de Minas.
[...]
e como não conhecia ninguém a não ser o doce
[vento mineiro,
nenhuma vontade de beber, eu disse: Acabemos
[com isso
Mas tremia na cidade uma fascinação casas
[compridas
autos abertos correndo caminho do mar
voluptuosidade errante do calor
mil presentes da vida aos homens indiferentes,
que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis
[choraram.
O mar batia em meu peito, já não batia no cais.
A rua acabou, quede as árvores? a cidade sou eu
a cidade sou eu
sou eu a cidade
meu amor.
(ANDRADE, 2012, p. 102).

O poema, publicado pela primeira vez em 1925 e, posteriormente, em *Alguma Poesia*, antecipa diversas questões da poesia de Drummond, como a *gaucherie*, a inadequação do eu, a solidão, a melancolia, o tédio e a nostalgia de Minas. O poeta *gauche* nasce da incompatibilidade entre o tédio da *vida besta*, monótona e familiar da província e a vida agitada, indiferente e violenta causada pelo processo de modernização das capitais. “Coração numeroso” contém, desse modo, o germe do “Poema de sete faces” por apresentar um eu solitário que observa o “vasto mundo” sem se identificar com os outros homens. Nota-se, de forma metonímica, a representação da multidão nas “muitas pernas” do “Poema de sete faces” e nos “bicos de seio” do poema transcrito. Em ambos, é como se o eu lírico questionasse a solidão diante de tantas pessoas. Solidão esta que o identifica não com pessoas, mas com a própria cidade: “a

cidade sou eu” e os sentimentos incontroláveis são refletidos no mar agitado, assim como a tristeza e a saudade da terra natal são intensificadas pela escuridão da noite.

Esteticamente, o poema trouxe à *A Revista* a noção de liberdade formal, de ausência de pontuação, de fragmentação que podem ser notados no verso “Bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeráveis”. Verso que, inclusive, foi retirado de algumas edições de *Alguma Poesia* devido à sensualidade. Mesmo com essas inovações estéticas, no entanto, o grupo de Belo Horizonte não tomou uma postura de vanguarda como tomara o grupo *Verde*.

O grupo da revista *Verde* surgiu no interior, em Cataguases, em 1927. A *Verde* foi elaborada por Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Guilhermino César, Francisco Inácio Peixoto e Henrique de Resende. O primeiro número da *Verde* expunha um manifesto, intitulado “Manifesto do Grupo Verde de Cataguases”, “cujo teor mostrava as diretrizes gerais do movimento e reafirmava sua independência em relação aos movimentos de São Paulo e do Rio de Janeiro, bem como suas distinções com o grupo de Belo Horizonte” (REBELLO, 2012, p. 115). A publicação ganhou teor nacional e internacional, com colaboradores de “Klaxon, Estética, A Revista, de Terra Roxa e outras Terras, além de colaboradores de Juiz de Fora, de Natal, da Argentina e França” (REBELLO, 2012, p. 117). Publicações originais, como o poema “Quadrilha”, de Drummond, “Caso da Cascata”, de Mário de Andrade, reaproveitado no capítulo “Boiúna Luna” de *Macunaíma*, e o poema “Aux Jeunes Gens de Catacazes”, de Blaise Cendrars, são exemplos da visibilidade que a *Verde* alcançou.

Se os jovens de Belo Horizonte tiveram forte influência da poética francesa e, a partir de 1924, das ideias paulistas, em Cataguases isso não ocorreu, posto que a cidade do interior não tinha acesso a essas influências. Os *Verdes* promoveram, dessa forma, um movimento vanguardista no qual o nacionalismo era independente, como vemos no poema “Cataguases”, de Ascânio Lopes:

Nem Belo Horizonte, colcha de retalhos
Iguais
cidade europeia de ruas retas, árvores certas,
casas simétricas
Crepúsculos bonitos, sempre bonitos.
Nem Juiz de Fora. Ruído. Rumor.
Apitos, Klaxons.
Cidade inglesa de céu esfumaçado,

cheio de chaminés negras.
[...]
[Cataguases]
Não és passado, não é futuro, não tens idade.
Só sei que és a mais mineira das cidades
de Minas Gerais...
[...]
VERDE, nº 3.

Neste excerto poético vemos a transformação de uma pequena cidade que, mesmo sem aparente perspectiva, torna-se berço de um autêntico nacionalismo mineiro. É claro que a idealização de Cataguases não excluiu a criticidade em relação aos problemas vividos na cidade, por isso, os poetas da *Verde* a todo o momento mostravam-se contrários aos arcaísmos da mentalidade provinciana mesmo quando a exaltavam. Além dos poemas nacionalistas, salientamos a “mineiridade” do poeta Ascânio Lopes² com o poema “Serão do menino pobre”:

Na sala pobre da casa da roça
papai lia os jornais atrasados.
Mamãe cerzia minhas meias rasgadas.
A luz frouxa do lampião iluminava a mesa
e deixava nas paredes um bordado de sombras.
Eu ficava a ler um livro de histórias impossíveis
— desde criança fascinou-me o maravilhoso.
Às vezes, Mamãe parava de costurar
— a vista estava cansada, a luz era fraca,
e passava de leve a mão pelos meus cabelos,
numa carícia muda e silenciosa.

Quando Mamãe morreu
o serão ficou triste, a sala vazia.
Papai já não lia os jornais
e ficava a olhar-nos silencioso.
A luz do lampião ficou mais fraca
e havia muito mais sombra pelas paredes...

E, dentro em nós, uma sombra infinitamente maior.
VERDE, nº1.

Publicado em 1927, no primeiro número da revista *Verde*, de Cataguases, o poema acima, por coincidência ou não, traz a mesma representação de “Infância”, de

² A saber, o estilo poético de Ascânio Lopes (1906-1929) equiparava-se muito ao estilo irônico de Drummond, o poeta de *Verde*, no entanto, viveu muito pouco para consolidar sua poesia. Mesmo assim, muito de seus poemas, eram grandes representações do ideário do grupo do interior.

Drummond, publicado (pela primeira vez) em 1926, pela *Revista do Brasil* (RJ). Em ambos os poemas vemos a retomada da infância, da família e a monotonia do campo. Além da similaridade narrativa desses aspectos, a configuração familiar e as ações rotineiras do campo representam, em ambos, a tradição de um passado que não se manteve; além disso, o distanciamento temporal possibilita aos sujeitos chegar a uma conclusão crítica: em Drummond, essa conclusão é positiva, e o eu-lírico vê a infância com certa nostalgia “E eu não sabia que minha história/ era mais bonita que a de Robinson Crusóé” (ANDRADE, 2012, p. 56); já em Ascânio Lopes, a conclusão retoma não apenas a ausência da infância, mas, sobretudo, a da mãe, falta que faz com que a tristeza do passado viva ainda no presente.

Além da “mineiridade” que já fora destaque n’A *Revista*, a *Verde* tematizava todo o processo de modernização que ocorria na década de 20, desde os processos de urbanização e de industrialização até os meios envolvendo a fotografia e o cinema. Veja-se, por exemplo, o exímio poema “As Usinas”, de Henrique de Resende:

Desce o rio, lento, pesadão, molengo,
Mas, de repente,
se despenha no desespero do despenhadeiro.
É a cachoeira, a acachoar, zoando e retumbando no seio
[virgem da floresta virgem.
E, além, são as águas, que se refreiam,
que se represam,
e é a luta esplêndida de mil cavalos imaginários
nos canos grossos,
nos tubos longos,
pelas turbinas adentro, — em turbilhão.

E, então, lá no alto, à luz do dia, apoteoticamente,
as fábricas gemem,
os teares cantam,
as serras guincham,

— e, à noite, como que num milagre, é a cidadela
toda esplendente de alampadários.
VERDE, n.º 2.

O poeta une a simplicidade da natureza pacata à exaltação do progresso. O jogo sonoro e imagético cria uma harmonia entre a luta da industrialização com a natureza, como se ambos paradoxalmente se completassem em um resgate quase futurista. Apesar do destaque do grupo, morre precocemente, em 1929, Ascânio Lopes, o que gera o fim

da publicação da *Verde* que se extingue com um número todo dedicado ao jovem poeta de Cataguases.

Dando continuidade às renovações do grupo *Verde*, surge em 1929, na capital, o grupo da publicação *leite crioulo*, dirigida por João Dornas Filho, Guilhermino César e Aquiles Vivacqua. Apenas o primeiro número da publicação foi em formato de revista, os dezoito seguintes foram publicados em um pequeno espaço do *Diário de Minas*. *Leite crioulo* tratava, mesmo que de forma ambígua, a temática do negro, expressando como ocorreu (e ocorria) a incorporação das peculiaridades do negro na cultura brasileira. Segundo Fernando Correa Dias, o grupo tinha “a intenção de oferecer uma ‘réplica africanista’ ao movimento antropofágico nascido em SP”. (2002, p. 167). Vemos no poema “À uma morena”, de João Dornas Filho, a sensualidade da mulher negra transformada em ritmo:

Cangote cheiroso,
Moreno, gostoso,
Meu bem!
Não tenha receio
Do meu galanteio
Pois ele aqui veio
Louvar-te também...
[...]
Que o sinta por baixo da blusa de chita...
Tem gosto de fruta madura,
Cajá, murici,
Tem caldo, tem sumo, tem cheiro,
Sabor brasileiro
Tupi-guarani.
[...]

A *leite crioulo* defendia a importância do legado africano à cultura brasileira, mas, em alguns momentos, tinha posições preconceituosas ao afirmar que os negros traziam males à nacionalidade, tais como a preguiça, a luxúria e a cobiça. De qualquer modo, o periódico trouxe uma importante contribuição para o cenário da poesia mineira e brasileira.

Considerações finais

As publicações supracitadas provam que Minas Gerais possuiu uma singular agitação que, mesmo sendo considerada discreta em relação à do grupo paulista –

principalmente pela demora com que os seus lançaram as obras individuais (surge em 1930, *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade; em 1931, *Ingenuidade*, de Emílio Moura, e *Galinha cega*, de João Alphonsus) –, apresentou traços únicos da realidade mineira.

Carlos Drummond de Andrade foi o maior exemplo do *Mineirismo*. O poeta, nos dizeres de Laís Corrêa de Araújo, foi o primeiro “a sintonizar-se integralmente com a imagem de um *homem mineiro*, alardeando a sua *mineiridade* de *gauche* e fazendo a escavação irônica, persistente, tenaz e mesmo impiedosa dos resíduos de tradição do subsolo de sua terra e de sua gente” (ARAÚJO, 2002, p. 188, grifo do autor). Dos segmentos temáticos que o próprio poeta definiu, – em sua *Antologia Poética*, de 1962, pela editora José Olympio – podemos extrair o espírito mineiro de: “Um Eu todo retorcido”, “Uma Província: Esta”, “A Família que me Dei”, entre outros segmentos em que a mineiridade atinge, inclusive, um universalismo humano. Desse modo, é com o poeta de Itabira que a poesia mineira passa a ter visibilidade nacional e internacional, o que dá ao Modernismo brasileiro um alicerce ideológico para a fase seguinte do movimento.

Mostramos, neste breve artigo, como se formaram as primeiras agitações modernistas em Minas Gerais e como estas giraram em torno de publicações periódicas que tinham como objetivos principais criar uma identidade para determinado grupo e expor Minas no panorama da nova poesia moderna brasileira. Desse modo, acredita-se que o Modernismo mineiro, mesmo ao se confluir com o de São Paulo em alguns pontos, deve ser pensado como um movimento único que seguiu suas próprias vertentes, recolocando o cenário provinciano novamente no patamar da boa literatura brasileira.

Referências

ANDRADE, C. D. de. **Carlos Drummond de Andrade: Poesia 1930-62:** de *Alguma poesia a Lição de coisas*/ Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. **Drummond: Antologia poética** (organizada pelo autor). 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

ARAÚJO, L. C. de. A poesia modernista de Minas. In: ÁVILA, Affonso (Org.). **O Modernismo**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 179 -192.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 44. ed. Edição revista e aumentada. São Paulo: Cultrix, 2006.

CURY, M. Z. F. **Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

DIAS, F. C. Gênese e expressão grupal do Modernismo em Minas. In: ÁVILA, Affonso (Org.). **O Modernismo**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 165-177.

DUTRA, W. & CUNHA, F. **Biografia crítica das letras mineiras**. Rio de Janeiro: MEC: Instituto Nacional do Livro, 1956.

NAVA, P. “Recado de uma Geração”. **Apresentação a A Revista**. São Paulo: Metal Leve, 1978.

OLIVEIRA, M. **História da literatura mineira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1958. p. 192.

REBELLO, I. F. “Com tinta verde Cataguases” – O Movimento Modernista de Minas Gerais. In: OLIVA, O. P. (org.). **Minas e o Modernismo**. Montes Claros, MG: Unimontes, 2012. p.113-126.

VERDE: Revista mensal de arte e cultura. Cataguases: Verde Editora. Ano 1, n. 1-5, set. 1927 - jan. 1928. Edição fac-similar de 1978.